

Missa Crismal, Catedral de Bragança
O Padre, o primeiro crente na Palavra

1. Confiados a Deus e à Palavra da Sua Graça

Cada Presbítero é constantemente chamado a ser o primeiro a dedicar-se à leitura orante, ao estudo e à vivência da Palavra de Deus, a fim de que, pela palavra e pelo exemplo, o tesouro da Revelação encha os corações daqueles que lhe foram confiados. Temos consciência de ter sido «Escolhido entre os homens e constituído em favor da humanidade» (Hb 5,1)?.

Da relação com a Palavra de Deus, o presbítero encontra a sua identidade, a eficácia do seu ministério, qual tesouro trazido em vasos de barro (Cf. 2Cor 4,7). O presbítero é o ministro da Palavra e esta deve ser a força e a fonte da presidência na assembleia litúrgica.

Um texto da *Pastores Dabo Vobis* diz directamente respeito à relação entre a vida espiritual e o ministério da Palavra de Deus: «*Ele [o presbítero] deve ser o primeiro “crente” na Palavra, com plena consciência de que as palavras do seu ministério não são suas, mas d’Aquele que o enviou. Desta Palavra, ele não é dono: é servo. Desta Palavra, ele não é o único possuidor: é dela devedor relativamente ao Povo de Deus. Precisamente porque evangeliza e para que possa evangelizar, o sacerdote, como a Igreja, deve crescer na consciência da sua permanente necessidade de ser evangelizado*».

E adiante, o mesmo documento reafirma que: «*elemento essencial da formação espiritual é a leitura meditada e orante da Palavra de Deus (lectio divina), é a escuta humilde e cheia de amor d’Aquele que fala*» (J. Paulo II). A Palavra de Deus rezada, celebrada, meditada, estudada vivida e anunciada é a luz dos nossos passos e o mistério do nosso ministério.

2. Vive o que ensinas

Recordemos as palavras da *traditio libri Evangeliorum* na ordenação dos diáconos: «*recebe o Evangelho de Cristo, que tens missão de proclamar. Crê o que lês, ensina o que crês e vive o que ensinas*». Este é um autêntico programa de santidade assente na Palavra.

Isto mesmo é retomado na ordenação dos presbíteros. A homilia ritual regista a primeira obrigação daquele que vai ser ordenado: *«distribuí a todos a palavra de Deus que vós mesmos recebestes com alegria. Meditando na lei do Senhor, procurai crer o que ledes, ensinar o que credes e viver o que ensinais»*.

A pregação do Evangelho, a homilia e a exposição da fé católica é uma das seis promessas que os eleitos ao presbiterado assumem na própria celebração da ordenação. A pregação configura-se, portanto, como *«um ministério que brota do sacramento da Ordem e que se desenvolve por autoridade de Cristo»*. Temos de ser discípulos missionários altamente qualificados em Cristo.

O Padre está para dar a vida entre o povo das nossas paróquias e Unidades Pastorais, educar na fé as crianças e os jovens, acompanhar as famílias, visitar os doentes em casa e no hospital, na Cáritas, nos centros sociais paroquiais, nas santas casas da Misericórdia, nas Fundações canónicas e noutros lugares, servir a todos, especialmente os mais pobres.

Como no-lo recorda o Papa Francisco, os Presbíteros sejam *«ministros “livres das coisas e de si mesmos”, que lembram a todos que o despojar-se sem nada ter é o caminho para aquela medida alta que o Evangelho chama caridade; e que a alegria mais verdadeira se saboreia na fraternidade vivida»*. Na verdade, o primeiro dom a que somos chamados a oferecer à Igreja e ao mundo não seja o activismo, mas o testemunho da fraternidade. A fraternidade nutre-se da partilha da experiência da fé, num diálogo que diz disponibilidade para pôr em comum a própria vida com o outro e ajuda os pastores e as pessoas consagradas a redescobrir a alegria de uma vida doada. *«Só quem tem o olhar fixo naquilo que é verdadeiramente essencial – para usar ainda palavras do Papa Francisco – pode renovar o próprio sim ao dom recebido e, nas diversas estações da vida, não desistir de ser dom; só quem se deixa conformar ao Bom Pastor encontra unidade, paz e força na obediência do serviço; só quem respira no horizonte da fraternidade presbiteral sai do fingimento de uma consciência que se pretende epicentro de tudo, única medida do próprio sentir e das próprias acções»*.

A nossa memória agradecida aos consagrados da nossa Diocese, aos que aqui nasceram e aos que aqui testemunham o dom recebido, ajude a viver o presente com renovada disponibilidade para assumirem os próprios compromissos com a alegria que assinala uma existência evangélica, fraterna, pastoral, social, caritativa e missionária.

3. Ungidos com o azeite perfumado

A Catedral tem um jardim plantado de oliveiras e dele se sobe até ao altar, onde em cada ano benzemos o sumo da azeitona para os catecúmenos e os doentes e consagramos o azeite da alegria, «*sacramento do Espírito Santo*», como lhe chamava Santo Agostinho. Daqui vem o bálsamo da unção espiritual para a vida da Igreja e de cada baptizado.

A imposição das mãos e a unção das vossas mãos sejam sempre renovadas na oração pessoal e comunitária com o povo, no retiro anual, na Liturgia, na caridade, na formação permanente, na alegria e no testemunho, no sentido pastoral da administração dos bens, no espírito de pobreza, nas reuniões do Arciprestado, no Instituto Diocesano do Clero, na amizade sacerdotal, no convívio, na relação e encontro com todos, na paternidade espiritual e em especial no cuidado dos que mais precisam da palavra e da escuta em gestos concretos de misericórdia. Nunca queiramos ser francos atiradores, mas membros do Presbitério e construtores da comunhão *ad intra* e *ad extra*, na Igreja sempre “em saída”, como nos desafia constantemente o Papa Francisco.

Caros Padres, a maioria de vós, têm tantas paróquias numa Unidade Pastoral! Passais o vosso tempo nos caminhos a ensinar, a catequizar, a escutar, a celebrar a Liturgia, a rezar, a reconfortar as pessoas, a curar as feridas do coração e a fazer o bem.

Um autor contemporâneo – Jean Guitton – escreveu numa carta a um Pároco, o Abade Binon: «*vós sois o médico das almas. Sentis, sem dúvida, quando regressais a casa e não encontrais nem lume nem refeição, uma profunda solidão. No entanto, nunca conhecestes nem aborrecimento nem angustia: sentis que Deus está junto de vós. A vossa solidão é diferente do isolamento. A vossa solidão é uma comunhão profunda*». Na verdade, quem acredita e vive em Cristo nunca está só!

Quero encorajar-vos na vossa vida e no vosso ministério. Juntos, com Cristo, sejamos sempre entusiasmados na alegria do Evangelho da Misericórdia.

+ José